

Kenneth J. Gergen  
Mary Gergen

# construccionismo social

um convite  
ao diálogo

instituto  
NOOS

Kenneth J. Gergen  
Mary Gergen

# construcionismo social

um convite  
ao diálogo

**Tradução**  
Bureau Translations

instituto  
NOOS

Social construction: entering the dialogue by Kenneth J. Gergen and Mary Gergen.  
Copyright © 2004 by Kenneth J. Gergen e Mary Gergen.  
Direitos de tradução em português licenciados pelo editor em língua inglesa, Taos Institute  
Publications

Publicado por Taos Institute em 2004  
www.taosinstitute.net

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma,  
seja digital, fotocópia, gravação etc – nem apropriada ou estocada em banco de dados,  
sem a autorização dos detentores dos direitos autorais.

Produção editorial  
*Anna Carla Ferreira*

Copidesque  
*Leonora Corsini*

Revisão  
*Paulo Henriques*

Capa  
*Ilustrarte Design e Produção Editorial*

Editoração eletrônica  
*Abreu's System*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G317c

Gergen, Kenneth J.  
Construcionismo social: um convite ao diálogo / Kenneth J.  
Gergen e Mary Gergen; tradução Gabriel Fairman. - Rio de  
Janeiro: Instituto Noos, 2010.

Tradução de: Social construction: entering the dialogue  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-86132-14-8

1. Percepção social. 2. Psicologia social. 3. Ciências sociais  
- Filosofia. 4. Interação social. I. Gergen, Mary M., 1938- I.  
Título.

10-4394  
021461

CDD: 155.91  
CDU: 159.942.6

# Sumário

<b>Por uma apresentação dialogada .....</b>	<b>7</b>
<b>Capítulo 1 – O cenário da construção social .....</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 2 – Da crítica à reconstrução .....</b>	<b>35</b>
<b>Capítulo 3 – Construção social e prática profissional .....</b>	<b>55</b>
<b>Capítulo 4 – A pesquisa como prática de construção.....</b>	<b>79</b>
<b>Capítulo 5 – Da crítica à colaboração .....</b>	<b>99</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>112</b>

# Capítulo 1

## O cenário da construção social

Uma dramática transformação vem tendo lugar no mundo das ideias, e, por toda parte, as tradições estão sendo questionadas. Aumenta a incerteza em relação aos padrões universais e oficiais de verdade, objetividade, racionalidade, progresso e moralidade. Enquanto a insegurança bate incessantemente à porta, questiona-se a fé em todo lugar. Entretanto, dessa situação tumultuada emergem novos diálogos e novas vozes de esperança para a existência humana. São conversações que cruzam continentes e culturas, fazendo-se acompanhar de um grande número de novas práticas profissionais – nas organizações, na educação, na terapia, na pesquisa e na assistência social, no aconselhamento, na resolução de conflitos, no desenvolvimento da comunidade e em muitas outras áreas.

Vários nomes já foram atribuídos a essa revolução de pensamento e de práticas, sendo frequentes denominações como “pós-fundamentalismo”, “pós-empirismo”, “pós-iluminismo” e “pós-modernismo”. Entretanto, entremeada em todos os debates está a noção da “construção social” ou seja, a criação de sentido através de nossas atividades colaborativas. A construção social não é de autoria de um único indivíduo ou grupo, nem tampouco exclusiva e unificada; ela pressupõe um significativo compartilhamento entre diferentes comunidades. Os contrastes, tensões e incertezas não intimidam, uma vez que a tentativa de estabelecer

uma verdade definitiva, uma lógica fundante, um código de valores ou uma lista de práticas seria algo absolutamente contrário ao desenvolvimento das ideias defendidas pelos construcionistas sociais.

Nós, os autores, ocupamo-nos durante a maior parte de nossas carreiras profissionais com diálogos construcionistas, e a intenção deste livro é apresentar um relato que permita que alunos, colegas e profissionais, ou mesmo aquelas pessoas que são apenas curiosas, obtenham um conhecimento básico e avaliem o poder e a força dessas ideias. Nos dois primeiros capítulos serão delineados alguns dos mais importantes desenvolvimentos teóricos, e, a seguir, analisaremos o impacto dessas ideias na maneira como vivemos e trabalhamos. Nosso foco será as ideias construcionistas em ação, seja nas organizações, na psicoterapia, na educação, na resolução de conflitos, na pesquisa social ou na vida cotidiana. E também trataremos das críticas comumente feitas ao construcionismo.\*

### **A ideia básica: nós construímos o mundo**

Embora o construcionismo social se baseie numa ideia maior, simples e clara, observamos que, à medida que desvendamos suas implicações e consequências, esta simplicidade rapidamente se desfaz. Isto porque esta ideia básica faz com que tenhamos que repensar praticamente tudo que nos ensinaram a respeito do mundo e de nós mesmos. Ao repensar esses conhecimentos, somos convidados a novas e instigantes formas de ação.

---

\* O termo “construtivismo” é frequentemente tomado como equivalente a “construcionismo”. O construtivismo entende que o *locus* de construção do mundo está dentro da mente ou no interior do indivíduo. Embora existam certos pontos em comum entre este movimento e o construcionismo social, no presente trabalho empregaremos exclusivamente o termo “construcionismo” para enfatizar a importância atribuída não aos indivíduos, mas às relações, como o *locus* de construção do mundo. (N.R.)

Para terem uma ideia das possibilidades, considerem o conhecimento do senso comum. O que seria mais óbvio do que o fato de o mundo estar simplesmente lá fora para que possamos observá-lo e entendê-lo? Existem árvores, edifícios, automóveis, mulheres, homens, cães e gatos, e assim por diante. Se observarmos com atenção, podemos aprender como proteger as florestas, como construir edifícios sólidos e como melhorar a saúde das crianças. Agora, vamos virar essas hipóteses confiáveis de cabeça para baixo.

Vamos supor que afirmássemos que árvores, edifícios, mulheres, homens etc. não existem, até sermos finalmente convencidos que, sim, eles existem. “Bobagem”, vocês diriam. “Olhem ao seu redor! Tudo isso já estava aí muito antes de chegarmos!” Parece fazer sentido, mas e se convidássemos a pequena Julie, que tem um ano de idade, para dar uma volta? Seu olhar vagueia para além das árvores, dos edifícios e dos automóveis e ela parece não ser capaz de distinguir homens de mulheres. William James afirmou certa vez que o mundo de uma criança é uma “confusão crescente e ativa”. Você poderá concordar ou não, mas o mundo de Julie não parece ser o mesmo mundo no qual nós, adultos, vivemos. Diferentemente de Julie, percebemos as folhas de outono que mudam do verde para o dourado; vemos que a casa à nossa esquerda foi construída em estilo vitoriano, que o automóvel passando na rua é uma BMW, e que a mulher de pé junto à porta é, na realidade, um travesti. O que chega aos nossos olhos pode não ser diferente do que Julie vê, mas o significado deste mundo para nós é bem diferente. Nós construímos o mundo de forma diferente, e esta diferença encontra-se enraizada em nossas relações sociais, a partir das quais o mundo se tornou o que é.

**DIFERENTES “VOCÊS” A PARTIR DE DIFERENTES PONTOS DE VISTA**

Agora, vamos tomar você, leitor, como objeto da nossa aula: quem é você e o que você faz? Imagine-se de pé, diante de um grande grupo de pessoas com os mais variados estilos de vida, oriundas de diferentes regiões do mundo. Cada pessoa olhará para você e dirá o que vê diante de si, podendo resultar em algo assim:

<i>Para um</i>	<i>Você é</i>
Biólogo	“um mamífero”
Cabeleireiro	“corte do ano passado”
Professor	“alguém que tem potencial”
Homossexual	“heterossexual”
Cristão fundamentalista	“um pecador”
Pai/ Mãe	“um sucesso surpreendente”
Artista	“um excelente modelo”
Psicólogo	“ligeiramente neurótico”
Físico	“uma composição atômica”
Banqueiro	“um futuro cliente”
Médico	“um hipocondríaco”
Hindu	“estado imperfeito de Atman”
Amante	“uma pessoa maravilhosa”
Ifaluquiano*	“cheio de liget”

Se não houvesse ninguém para identificá-lo, quem você seria nesse caso? Será que você realmente seria algo?

A ideia fundante da construção social parece bem simples, mas, ao mesmo tempo, é profunda. Tudo que consideramos real é resultado de uma construção social. Ou seja, de maneira mais contundente, Nada é real, a menos que as pessoas concordem que assim o seja.

---

\* Habitante de Ifaluk, um atol de corais nas Ilhas Carolinas, pertencentes aos Estados Federados da Micronésia. Na língua dos habitantes de lá, “Liget” significa raiva.

Sua voz cética poderia replicar: “Quer dizer que a morte não é real?”, ou “o corpo?”, ou “o Sol?”, ou “esta cadeira?”... A lista é infinita. É preciso ter muita clareza quanto a este ponto: os construcionistas sociais não dizem “não existe nada”, ou “não há realidade”; a questão importante é que quando as pessoas definem o que é “realidade”, sempre falam a partir de uma tradição cultural. Sem dúvida, alguma coisa aconteceu, mas, para descrever este fato, é necessário que o mesmo seja representado a partir de um ponto de vista cultural particular — numa linguagem particular ou por intermédio de um meio visual ou oral particular.

A título de ilustração, se dissermos “o pai dele morreu”, na maioria das vezes estaremos falando a partir de um ponto de vista biológico. Construimos o acontecimento como a cessação de determinada função corporal (muito embora até os médicos possam discordar quanto à definição de morte, pois um cirurgião especialista em transplantes pode ter uma opinião diferente da de um clínico geral). A partir de outras tradições, poderíamos ainda dizer “ele foi para o céu”, “ele viverá para sempre no coração dela”, “este é o começo de um novo ciclo de reencarnação”, “foi aliviado de seu fardo”, “viverá no legado de suas boas obras”, “sua vida terá continuidade em seus três filhos”, ou “a composição atômica desse objeto foi alterada”. O que mais há para ser dito fora de qualquer convenção relativa ao entendimento? Para a pequena Julie, o acontecimento pode, de fato, não ser absolutamente fora do comum. Para o construcionista, a questão não é “nada existe”, mas sim “nada existe para nós”, ou seja: é a partir das nossas relações que o mundo se faz preenchido com o que nós concebemos como “árvores”, “sol”, “corpos”, “cadeiras” e assim por diante.

Num sentido mais amplo, podemos dizer que, ao nos comunicarmos uns com os outros, construímos o mundo no qual vivemos e, se mantivermos nossas tradições, a vida poderá prosseguir como de costume. Desde que façamos as distinções que nos são familiares, como, por exemplo, entre homens e mulheres, ricos e pobres, cultos e ignorantes, a vida continuará sendo relativamente previsível. Entretanto, tudo aquilo que aceitamos como óbvio também pode ser questionado. Por exemplo, não existem “problemas” no mundo para que todos os vejam, mas, pelo contrário, construímos mundos “do bom” e consideramos “um problema” todos os acontecimentos que obstruam o caminho, impedindo-nos de alcançar aquilo que mais valorizamos. Será que tudo que construímos como “problema” não poderia ser reconstruído como “oportunidade”? Da mesma forma, enquanto conversamos, poderíamos estar criando novos mundos. Poderíamos construir um mundo no qual existissem três gêneros, ou um mundo onde os “doentes mentais” fossem “heróis”, ou um mundo em que “o poder de todas as organizações repousasse não em líderes individuais, mas em relações”.

É neste ponto que você poderá começar a apreciar o enorme potencial das ideias construcionistas pois, para o construcionista, nossas ações não são limitadas por qualquer coisa tradicionalmente aceita como verdadeira, racional ou correta. Diante de nós existe um amplo espectro de possibilidades, um convite infinito à inovação, o que, entretanto, não quer dizer que devemos abandonar tudo aquilo que consideramos real e bom. De forma alguma. Quer dizer, sim, que não estamos presos aos grilhões da história ou da tradição. Ao conversar, ouça novas vozes, levante questões, avalie metáforas alternativas e brinque nas fronteiras da razão, porque, assim, atravessaremos o limiar dos novos mundos de significado. O futuro é nosso para que o criemos... juntos.

### ENVELHECIMENTO POSITIVO: UM ESTUDO DE CASO

É comum vermos o envelhecimento como um período de declínio: entendemos que a infância é um período de desenvolvimento, na fase adulta atingimos a maturidade e, na terceira idade, a vida entra em declínio. Considere essa construção bastante comum: vivemos a nossa idade adulta com pavor de envelhecer, procurando incansavelmente meios de “permanecer jovens” ou, pelo menos, de “parecer jovens”. Ser velho é ruim e para muitas pessoas a visão do declínio também é algo cuja previsão está fadada a se cumprir. “Estou ficando velho, preciso reduzir as atividades, exercícios e interesses” e, como resultado, o corpo e o entusiasmo pela vida enfraquecem.

Mas se o envelhecimento é uma construção social, por que deveríamos sustentar esta compreensão negativa? Não existiriam maneiras que nos permitissem ver o envelhecimento como um processo positivo, um período de crescimento, enriquecimento e desenvolvimento? Sentindo-nos desafiados por essa possibilidade, criamos um boletim eletrônico intitulado “Envelhecimento Positivo” [*Positive Aging*]. Nele incluímos um variado material de pesquisa que destaca o potencial positivo do envelhecimento. Parece ter sido do agrado dos leitores em geral. Como declarou um leitor, “o boletim me permitiu manter a esperança de que continuarei levando uma vida gratificante por muito tempo”.

Os *workshops* que realizamos com pessoas interessadas no envelhecimento positivo também foram extremamente esclarecedores para nós. Desafiámos essas pessoas a reconstruírem os eventos mais temidos como, por exemplo, “declínio físico”, “doença crônica”, “perda da atratividade física” e “perda de entes queridos”. Os grupos foram, em geral, fantasticamente criativos, mostrando, por exemplo, que uma doença crônica também oferece oportunidade para se avaliar a importância das pessoas amadas, para aprender a ser paciente e tolerante, para deixar de lado as máscaras, para ter tempo de aprender, explorar e criar novas atividades (por exemplo, criar um site da família na Internet, participar de grupos de apoio e ajuda mútua, desenvolver uma nova habilidade ou escrever poemas). Eles nos ensinam que, juntos, podemos produzir novas realidades de envelhecimento.

## **Dos jogos de linguagem aos mundos possíveis**

A ideia básica do construcionismo social é, ao mesmo tempo, simples e desafiadora. Outras dimensões vão se revelando à medida que exploramos âmbitos mais amplos das ideias construcionistas. Começamos focalizando a linguagem, mas, como veremos, nossos interesses se ampliam rapidamente para incluir todas as formas de vida cultural.

### **Linguagem: da imagem à prática**

Por muito tempo consideramos a linguagem como uma forma de imagem. Quando os cientistas fazem seus relatos acerca do mundo, supomos que suas palavras sejam o retrato fiel de suas observações. Da mesma forma, procuramos noticiários que nos proporcionem uma descrição precisa dos acontecimentos. Embora possa parecer óbvio, o simples processo de dar nomes às pessoas – Frank, Sally, Ben e Shawn – é bastante emblemático. Porque esses indivíduos dificilmente vieram ao mundo com seus crachás pendurados. Os pais lhes atribuíram esses nomes e, neste sentido, foram arbitrários. Exceto, talvez, por questão de tradição familiar, Frank poderia ter sido chamado de Ben, Robert, Donald ou receber qualquer outro nome. Mas, antes de tudo, por que lhes foi atribuído um nome? A principal razão é a praticidade. Se, por exemplo, precisarem falar a respeito do bem-estar de Sally, verificar se ela está se alimentando bem, se é preciso trocar sua fralda, ou se seu irmãozinho Frank está com ciúmes, seus pais utilizam um nome para realizar essas tarefas típicas de bons pais e, mais tarde, precisarão do nome para outros fins práticos, como matriculá-la na escola e perguntar a Sally por que chegou tão tarde em casa. De maneira geral, tanto as palavras que usamos como os nomes que

atribuímos uns aos outros são usados para efetuar relações. Não são imagens do mundo, mas ações práticas no mundo.

Isto é fácil de entender no caso de expressões como “Pare!”, “Perigo!” ou “Jogue a bola!”, em que podemos ver como os nomes próprios são úteis do ponto de vista social. Entretanto, já não fica tão óbvio no caso de notícias, descrições científicas ou quando se trata de contar a alguém como foi o seu dia; nestes casos, as palavras parecem funcionar como imagens e podem ser verificadas quanto à sua exatidão. Mas considere novamente: *o fato de um relato parecer ser “exato” ou não é algo que irá depender de uma tradição da comunidade* (lembre-se do exemplo dos vários “você” no início do capítulo). Como cada tradição tem seus próprios critérios de juízo, acreditar ou não que uma testemunha esteja falando a verdade é algo que dependerá do fato de ela utilizar ou não a mesma forma de linguagem que usamos. Se os incorporadores estão promovendo o desenvolvimento e criando novos bairros ou destruindo espaços abertos é algo que depende do que cada um entende por “desenvolver”. Neste sentido, “falar a verdade” é falar de uma forma que confirme a tradição de uma determinada comunidade.

### **Jogos de linguagem e os limites de nosso mundo**

O famoso filósofo Ludwig Wittgenstein introduziu a metáfora do jogo de linguagem, que permitiu mostrar como as palavras que usamos se encontram embutidas em sistemas de regras ou em convenções compartilhadas. Isto é algo que pode ser facilmente verificado no caso da Gramática, onde existem regras comuns que nos impedem de dizer “ela vai em praia” ou “bola bateu ele”. Contudo, em qualquer cultura existem muitos jogos de linguagem diferentes, ou seja, existem muitas convenções locais usadas para descrever e

explicar; uma vez que alguém faça parte de uma convenção local, sua liberdade de expressão fica radicalmente limitada.

Por exemplo, no caso dos diferentes “você”, cada grupo se baseia em um jogo de linguagem diferente, uma vez que os biólogos se encontram mergulhados em jogos de linguagem diferentes dos jogos dos físicos, dos banqueiros ou dos sacerdotes. No momento em que precisam descrever “você”, cada um jogará fazendo uso de regras diferentes, cada um criará um significado em seu jogo. Porém, é arriscado invadir qualquer uma dessas culturas e fazer uso das próprias regras; dificilmente você perguntaria a um biólogo sobre a alma de um sapo, ou pediria a um cabeleireiro a composição atômica de um fio de cabelo, sem que sua sanidade mental fosse posta em dúvida.

Por outro lado, não estamos aqui tratando apenas das regras de linguagem, já que as palavras se encontram normalmente incorporadas às nossas atividades, na forma como nos movimentamos ou nos vestimos, ou mesmo nos objetos que carregamos e no que fazemos com eles. No jogo de xadrez, por exemplo, falamos em “peões”, “torres”, “xeque-mate” e assim por diante, mas ninguém sai na rua gritando “xeque-mate!” sem que as pessoas olhem de modo estranho. A frase só faz sentido quando as pessoas estão desempenhando certas atividades específicas e fazendo uso de objetos específicos. Isto também significa que as palavras que usamos informam as pessoas sobre as ações que elas devem realizar. Se alguém aponta para um objeto e o chama de “cadeira”, você poderá se sentir à vontade para se sentar ali; mas se alguém chama este objeto de “antiguidade preciosa”, provavelmente você se sentará em outro lugar. Para o construcionista, somos convidados a uma dupla escuta: escuta do conteúdo, por um lado, e da importância, por outro. Nos termos de Wittgenstein, nossos “jogos de linguagem”

encontram-se incorporados em padrões mais abrangentes de atividade, que o filósofo chamou de *formas de vida*. De fato, biólogos, cabeleireiros e banqueiros estão engajados em diferentes formas de vida. As palavras ajudam a manter essas formas de vida, ao mesmo tempo em que as formas de vida conferem significado às palavras.

Concomitantemente, essas formas de vida começam a formar os limites de nossos mundos.

### **O real como o bom**

Aprendemos a diferença entre fatos e valores. Que os fatos são “reais”, declarações de evidência, objetivos, não influenciados por desejos, políticas, religião e assim por diante. Em contraste, aprendemos que os valores são frágeis e subjetivos, que não têm a menor base sólida e que representam simplesmente os investimentos particulares do indivíduo. Todos deveríamos concordar com os fatos, embora cada um tenha direito aos próprios valores. *O construcionismo social desafia esta distinção que vigorou durante muito tempo.*

Para uma apreciação do argumento, analise três manchetes de jornal que descrevem os acontecimentos no momento em que o regime iraquiano de Saddam Hussein entrou em colapso em 2003:

- Tropas americanas vitoriosas em Bagdá
- Império americano declara vitória no Iraque
- Forças iraquianas se escondem enquanto americanos ocupam Bagdá

Cada uma dessas manchetes procura descrever “o que aconteceu no Iraque”, mas todas diferem significativamente quanto às suas implicações dos acontecimentos. A primeira manchete, de um jornal americano, simplesmente considera os americanos vitoriosos e expressa sua autocongratulação. A segunda, refletindo

o ponto de vista de um jornal brasileiro, usa o termo “Império” em tom irreverente, indicando que a vitória é apenas uma pretensão e que o futuro pode se provar diferente. A última manchete, ecoando a visão de alguns países árabes, sugere que a “vitória” seria tão somente uma “ocupação” temporária e que as forças iraquianas estariam se escondendo em meio à população civil, prontas para voltar após a partida das tropas americanas.

Os eventos narrados podem ser idênticos, mas a descrição dos “fatos” depende da tradição segundo a qual cada um estiver escrevendo. Para o bem ou para o mal, cada tradição possui seus próprios valores e, neste sentido, não existem descrições isentas de valores.

Você poderá objetar e dizer que “inquestionavelmente os fatos das ciências naturais são neutros em termos de valores”. Mas analise mais uma vez: por que aceitamos como imparcial a ideia de que a ciência médica “cura” doenças? Isto ocorre porque, em geral, atribuímos valor a certas mudanças que os médicos ajudam a promover no corpo humano e este valor é representado pela palavra “cura”. Se alguém descrevesse os mesmos procedimentos médicos como “interferências nos processos da natureza”, consideraríamos tal declaração parcial. Da mesma forma, se você reduzir o mundo à linguagem da física, da química ou da biologia, a linguagem da “ação moral” deixará de existir. Se continuar falando exclusivamente em termos científicos, o lançamento de uma bomba atômica em Nagasaki ou a realização de experiências biológicas com prisioneiros nos campos de concentração deixarão de ser questões de “assassinato” ou de “moral”, já que essas palavras são irrelevantes para a ciência como tal. Da mesma forma, forças militares podem atacar um país e simplesmente falar dos milhares de civis mortos como sendo um “dano colateral”. Certamente as ciências naturais pos-

suem valores, porque analisam dados de forma a permitir que as finalidades de previsão e controle possam se cumprir; seus discursos estão atrelados a esses propósitos. Se alguém permanecer exclusivamente no âmbito de uma determinada tradição, outras tradições de valor serão consideradas irrelevantes ou serão reprimidas.

## **Pluralismo radical**

A maioria das pessoas tende a concordar com o fato de que muitas de nossas categorias são construídas socialmente. Todos sabemos, por exemplo, que existem infundáveis desacordos quanto ao significado de “justiça”, “moralidade” ou “amor”. Entretanto, muitas pessoas resistem às ideias construcionistas quando as mesmas se referem ao mundo físico, ao mundo pré-linguístico do diretamente observável. É verdadeira ou falsa a afirmativa “a Lua é feita de queijo”? Que insensato seria responder “verdadeira”! E não é também óbvio que o mundo é redondo e que as estações mudam na Nova Inglaterra? Mas analise novamente: se considerarmos que o que é real deriva de acordos entre comunidades de pessoas, as afirmações da verdade devem se encontrar no âmbito dessas relações. Ou, mais uma vez, a verdade só pode ser encontrada dentro da comunidade; porque fora da comunidade há o silêncio. Neste sentido, os construcionistas sociais não adotam as verdades universais, nem a Verdade com “V” maiúsculo, às vezes chamada de Verdade Transcendental.

Naturalmente existe a verdade com um “v” minúsculo, ou seja, a verdade decorrente dos modos de vida compartilhados dentro de um grupo. Às vezes, esse grupo pode ser enorme, como o grupo que comumente declara que  $2 + 2 = 4$ . Se uma criança disser que a resposta é 3, ela será imediatamente corrigida. Por outro lado, os matemáticos poderiam dizer que a resposta 4 está

correta se a base do sistema utilizado for decimal; caso contrário, a resposta não é 4. A divisão de pessoas em dois sexos, masculino e feminino, é algo comumente aceito. No entanto, há certas culturas que constroem um terceiro sexo, intermediário entre o masculino e o feminino. A noção de raças também é uma noção desenvolvida no âmbito das comunidades e, em algumas culturas, as posições sociais foram hierarquizadas em sistemas de classes ou de castas. Assim, ao perguntar se a Lua é feita de queijo, a resposta dependerá da comunidade onde estamos inseridos. Num sentido poético poderíamos inclusive dizer que a Lua é a deusa antiga, Diana.

A ideia de verdade em uma comunidade é de suma importância e, como vimos, todas as construções do verdadeiro estão ancoradas nas formas de vida, e todas as formas de vida se caracterizam por valores. Isso significa que as afirmações de verdade encontram-se invariavelmente vinculadas às tradições de valor. Assim sendo, numa comunidade de cientistas espaciais, é importante saber se é verdadeira ou falsa a afirmação de que um foguete segue uma determinada trajetória, pois esta verdade está vinculada ao valor que os mesmos cientistas atribuem ao fato de que os foguetes chegarão em segurança ao seu destino. Os psiquiatras procuram a verdade sobre a doença mental e tal busca está atrelada aos valores que os psiquiatras atribuem ao que consideram formas normais de vida.

Entretanto, nossos problemas começam quando afirmações locais de verdade ( $v$ ) são tratadas como verdade transcendental ( $V$ ); quando uma comunidade acredita que o mundo foi criado pelo “Big Bang” e outra defende que o mundo foi criado pelo “Grande Deus” [Big God]; quando uma comunidade afirma que o homossexualismo é uma doença e outra insiste que se trata de algo

normal; ou quando alguém declara que todos os comportamentos são predeterminados e outro afirma que as pessoas exercem o livre-arbítrio. Tal como na maioria das afirmações de saber, a humildade do local se vê substituída pela arrogância do universal.

O construcionismo social nos exime da tarefa de decidir qual tradição, conjunto de valores, religião, quais ideologias políticas ou qual ética é a derradeira, transcendentemente Verdadeira ou Correta. A partir de uma perspectiva construcionista, tudo pode ser válido para um determinado grupo de pessoas, e as ideias construcionistas convidam a um pluralismo radical, ou seja, a uma abertura para múltiplas formas de denominar e avaliar. Como não há fundamento com o qual reivindicar a superioridade de nossa própria tradição, somos convidados a adotar uma postura de curiosidade e de respeito para com as outras tradições. O que será que as outras tradições oferecem que não está contido em nossa própria tradição? Que aspectos de nossa tradição podem ser compartilhados e úteis para as demais?

Naturalmente, uma visão pluralista como esta é mais fácil de se sustentar em termos abstratos do que no corre-corre da vida cotidiana. Dificilmente ficaremos calados diante do que enxergamos como preconceito, opressão, injustiça e brutalidade. Contudo, para o construcionista, a tendência a eliminar aquilo que desprezamos é um passo na direção errada. É a Verdade em operação. Preferencialmente, o construcionista tende a favorecer formas de diálogo a partir das quais possam emergir novas realidades e novos valores. O desafio não é encontrar a “única e melhor forma”, mas criar tipos de relação através dos quais se possa construir o futuro de maneira colaborativa. Voltaremos a abordar esses tipos de relação no Capítulo 3.

## **Ciência *versus* religião?**

A maioria dos cientistas acredita que existe um mundo real e um mundo material independente das pessoas e, além disso, acredita ser possível descobrir esse mundo por meio de uma medição sistemática (telescópios, microscópios etc.), e representá-lo com precisão por meio de sistemas simbólicos, inclusive pela linguagem e por fórmulas matemáticas. Os cientistas geralmente argumentam que, através de seus métodos, eles conseguem chegar cada vez mais perto do mundo como ele realmente é. O sucesso alcançado pelas iniciativas científicas, desde a erradicação de doenças fatais até o controle da energia atômica, levou muita gente a aceitar o poder da ciência como a revelação da Verdade sobre o mundo.

Nem todas as ideias construcionistas desvalorizam as iniciativas científicas, mas, certamente, desafiam a ideia de que a ciência revela a Verdade. Tampouco os frutos da ciência justificariam tal reivindicação. Uma prática efetiva de terapia, por exemplo, não torna Verdadeiras as palavras utilizadas para descrever ou explicar tal prática. Este é um ponto importante porque, durante séculos, foram usadas afirmações relativas à Verdade científica para desacreditar as afirmações das tradições espirituais ou religiosas. A ciência serviu de baluarte numa luta de poder em que o controle da sociedade foi arrancado à força das instituições religiosas. Diz-se que a ciência trata da verdade, enquanto as tradições religiosas e espirituais se baseiam em fantasias ou mitos.

O construcionismo proporciona uma nova maneira de ver este antagonismo. Tanto a tradição científica quanto a religiosa/espiritual têm suas próprias maneiras de construir o mundo; cada uma delas encerra determinados valores e aprova determinadas formas

de vida. Não há forma de comparação direta entre a verdade das tradições e a verdade da ciência, visto que qualquer tipo de mensuração se dá necessariamente em uma realidade construída por alguma tradição. Não podemos medir a verdade do espírito por meios científicos, assim como não podemos avaliar a verdade da ciência através da sensibilidade espiritual. Além disso, as duas tradições produzem frutos de acordo com seus próprios termos: no caso das tradições científicas, são os foguetes espaciais e a energia atômica; ao passo que, para as tradições religiosas, são as instituições preocupadas com o ser humano e visões da boa moral. Nenhuma das duas pode produzir em seus próprios termos o que a outra oferece. O construcionismo nos pede que eliminemos a tradicional oposição *Ciência versus Religião*. Preferivelmente, adotamos uma posição de “ambas/e” quando somos convidados a explorar as consequências positivas e negativas de cada uma delas.

#### **Foco do capítulo**

Podemos ver o construcionismo social como um permanente diálogo sobre as fontes daquilo que acreditamos ser o conhecimento do real, do racional, do verdadeiro e do bom – com efeito, tudo é significativo na vida. Talvez seja útil pensar nas ideias construcionistas como sendo um guarda-chuva sob o qual se encontram abrigadas todas as tradições de significado e de ação. O guarda-chuva construcionista permite que nos movimentemos através das tradições para apreciar, avaliar, absorver, amalgamar e recriar. Ao mesmo tempo, é preciso reservar um lugar para as próprias ideias construcionistas debaixo desse guarda-chuva. Elas também devem evitar afirmações do tipo Verdade transcendental. Ao escrevermos estas palavras também nos empenhamos em gerar significado junto com você, leitor. A questão importante não é se nossas palavras são verdadeiras ou objetivas, mas sim o que acontece com nossas vidas quando iniciamos esta forma de entendimento. Como esperamos poder demonstrar, existem muitos novos e promissores caminhos à frente.



## Capítulo 2

### Da crítica à reconstrução

Uma das coisas mais fascinantes sobre o nosso próprio compromisso com as ideias construcionistas é a incessante criatividade que elas estimulam. Aqueles que buscam a Verdade procuram reduzir o mundo a um conjunto fixo e único de palavras. Declarar A Verdade é congelar profundamente as palavras, reduzindo desta forma o reino das possibilidades para o surgimento de novos significados. Em contraste, os construcionistas preferem o diálogo constante e aberto, no qual há sempre lugar para outra voz, outra visão e outra revisão, e para uma expansão adicional na esfera da relação.

Neste capítulo, apresentamos uma série de grandes desenvolvimentos nos diálogos construcionistas. Inicialmente, levamos a contribuição construcionista à reflexão crítica. Essa discussão nos prepara para considerar o grande desafio que as ideias construcionistas trazem à tradição ocidental do individualismo. O construcionismo privilegia, em nosso entender, a substituição do indivíduo como fonte de significado pela relação. Finalmente, iremos explorar algumas tentativas recentes de reconstruir o conceito de “self”.

#### **Desconstrução e além**

À medida que as ideias construcionistas tornaram-se mais disseminadas, também se disseminou a reflexão crítica sobre nossa vida cotidiana. Por que isso aconteceu? Porque a partir do momento em que percebemos que qualquer pronunciamento sobre a

natureza das coisas — seja qual for o status social, as realizações ou a aparente genialidade do enunciador — é apenas “uma maneira de colocar as coisas”. A partir daí, também nos conscientizamos de que poderia ser de outra forma. Cada maneira de construir o mundo sustenta certas tradições, carregadas de valores particulares, ao passo que, simultaneamente, ignora tudo o que estiver fora delas. Assim, nossa curiosidade sobre quais tradições estão sendo respeitadas ou não estão sendo questionadas e que vozes se calam ou estão sendo abafadas é despertada. Começamos a nos questionar, por exemplo, que tipo de mundo é construído por um determinado noticiário, por um discurso político ou por um conjunto de textos científicos. Quem é favorecido, quem é marginalizado? Será que queremos realmente abraçar essa nova maneira de construir o mundo? Esta sensibilidade crítica tem se difundido cada vez mais no mundo ocidental. Estamos nos tornando mais sensíveis às formas pelas quais a televisão constrói vários grupos – afro-americanos, mulheres, italianos, idosos, e assim por diante. Alguns programas da mídia nos alertam sobre a forma pela qual os “fatos são tramados” por políticos e como a ideologia política se encontra sutilmente embutida nos noticiários. Os pais estão muito preocupados com as atitudes consumistas que a televisão passa aos filhos. Tudo isso aponta para um posicionamento crítico diante dos mundos construídos por outros, e, neste sentido, o conhecimento acadêmico construcionista apenas expressa uma ampla sensibilidade que já se encontra em movimento.

Na esfera acadêmica, essa orientação crítica tornou-se extremamente aguçada e, nesse sentido, as teóricas feministas exerceram um papel bastante relevante. Já suas primeiras contribuições nos fizeram perceber os vieses sutis subjacentes a palavras tais como “humanidade”, “policial” e “presidente”; aliás, atualmente, muitos

questionam a representação masculina de Deus. Outros grupos que também sentem o peso opressivo da cultura dominante sobre suas formas de vida juntaram-se às acadêmicas feministas. Hoje, muito deste pensamento crítico está também presente nos Estudos Afro-americanos, nos Estudos Orientais, na Teoria Queer\*, nos Estudos Culturais, entre outros. No próximo capítulo, exploraremos o trabalho específico do movimento da “educação crítica”.

#### QUEM TEM O PODER? O ESPERMA OU O ÓVULO?

Um poderoso exemplo de trabalho feminista crítico encontra-se no estudo de Emily Martin sobre os textos médicos que descrevem o processo da fertilização humana. A autora observa que a maioria das descrições populares segue um padrão de conto de fadas, no qual uma multidão de espermatozoides ativos (os heróis da história) se esforça, lutando contra grandes adversidades para invadir a fortaleza e penetrar no Óvulo-Princesa. Enquanto isso, a princesa permanece passivamente sentada à espera do feliz e heroico vencedor do combate. A fertilização é o final feliz da bem-sucedida conquista do herói. Como ressalta Emily Martin, esta explicação biológica da fertilização agrega autoridade científica ao antigo mito cultural do macho poderoso e ativo e da fêmea passiva e indefesa.

Quando assistimos um vídeo sobre o processo de fertilização, vemos virtualmente o espermatozóide ativo penetrar no óvulo passivo. Mas será mesmo assim? Emily Martin indaga o que veríamos se nossa história retratasse um exótico Óvulo-Sereia que atrai os incautos e indefesos espermatozoides para seu esconderijo? Enquanto o Óvulo-Sereia os atrai em sua direção, seleciona um dos espermatozoides e destrói os outros. Neste caso, o óvulo se transforma na força dominante e nossa visão do que ocorreu no vídeo muda completamente.

---

\* Queer Studies no original. A Teoria Queer defende que o gênero é uma construção social e que, portanto, as identidades, papéis e orientações sexuais dos indivíduos não são uma essência, tampouco estão relacionados a uma inscrição biológica na natureza humana; são antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. De modo geral, a Teoria Queer busca ir além das teorias feministas baseadas na dicotomia homem x mulher, dando maior atenção aos processos sociais amplos que sexualizam a sociedade como um todo de forma a heterossexualizar ou homossexualizar instituições, discursos, direitos. Neste sentido, a Teoria Queer se distingue dos estudos gays e lésbicos, pois considera que essas culturas sexuais foram normalizadas e não apontam para a mudança social. Daí o interesse em estudar o travestimento, a transexualidade e a intersexualidade, bem como as culturas sexuais não-hegemônicas caracterizadas pela subversão ou pelo rompimento com normas socialmente prescritas de comportamento sexual e/ou amoroso (N.R.).

Certamente, a segunda história é tão verdadeira quanto a primeira (e nem um pouco mais politicamente correta!). Ambas são construções narrativas do que está ocorrendo, embora as implicações científicas sejam totalmente diferentes. A autora, uma médica antropóloga, considera de fundamental importância que a natureza política de nossas interpretações seja entendida, inclusive porque o resultado disso também será uma biologia melhor. Na pesquisa tradicional sobre a infertilidade, atribui-se grande importância à mobilidade e à resistência do esperma. Ao adotarmos a segunda história – a do óvulo como sereia – a atenção se volta para as características do óvulo e à passagem que o esperma deve atravessar. No entanto, as duas histórias são limitadas. Será que não poderiam existir outras narrativas ou metáforas proveitosas para aumentar o nosso entendimento sobre a reprodução humana?

Os esforços críticos são extraordinariamente importantes para o desenvolvimento da democracia, pois frustram a tentativa de qualquer grupo que pretenda dominar ou anular os outros através de sua construção particular do real e do bom, além de multiplicar os controles recíprocos da sociedade que asseguram uma participação total. Por exemplo, sabendo que os principais jornais reproduzem as notícias a partir de um ponto de vista particular e que existem muito poucos jornais independentes, as centenas de sites e fóruns de discussão na Internet aumentam as possibilidades para a expressão pública. Além de estimular a democracia, muitos consideram esse importante trabalho como libertador. Quando as pessoas são capazes de ver os limites e os vieses naquilo que comumente se aceita como óbvio, elas ficam livres para considerar alternativas.

Contudo, ainda que indispensável para uma sociedade imparcial, o impulso crítico também é perigoso, visto que a crítica questiona a legitimidade do que é dito ou escrito. E, se suas palavras estiverem sendo questionadas, é possível que você seja apresentado

como preconceituoso, egoísta, opressivo ou explorador. Não surpreende o fato de que muitas vezes a raiva e o contra-ataque sejam a resposta à crítica. Tanto aquele que critica quanto o seu alvo, via de regra, acredita no bem que está fazendo, mas, rapidamente, a possibilidade de confiança é destruída e a hostilidade mútua prevalece. Neste sentido, tornam-se necessárias novas formas de discurso para substituir a tradição da crítica total. Como refletir de forma crítica sem demonizar? Como superamos as barreiras do “fazer sentido” isoladamente para construirmos, juntos, futuros mais promissores? Vislumbraremos algumas possibilidades no Capítulo 3.

### **Do indivíduo à relação**

O que pode haver de mais óbvio do que a constatação de que nosso mundo se compõe de indivíduos separados, na maioria das vezes dotados da capacidade de tomar decisões conscientes? A partir desta constatação óbvia, favorecemos uma democracia na qual cada cidadão adulto tem direito a voto, onde há tribunais, em que atores individuais são considerados responsáveis por suas ações, onde existem escolas para avaliar o trabalho de cada aluno e organizações nas quais os funcionários são submetidos individualmente a avaliações de desempenho. É basicamente por isto que caracterizamos a cultura ocidental como individualista.

Entretanto, para um construcionista, o fato óbvio do “indivíduo como um tomador de decisões consciente” não é algo tão óbvio assim. Pelo contrário, vemos isto apenas como uma forma de construir o mundo. Aliás, a orientação individualista com relação à vida social não é tão antiga do ponto de vista histórico (possivelmente data de três séculos), e *não* é compartilhada pela